

*Person in comfort
death. Complains
scratching a postcard
Tamer*

“Vou esperar você”

POR LYNNE SCHUYLER

Impedidos de se casar, eles nunca perderam o desejo de ficar juntos

FOI AMOR à primeira vista. À distância, Pham Ngoc Canh, 23 anos, observava a jovem de sorriso tímido que trabalhava no laboratório envidraçado da fábrica de fertilizantes de Hungnam, na Coreia do Norte. O estudante de química norte-vietnamita, em regime de intercâmbio, achou Ri Yong-hui, analista química, também de 23 anos, graciosa e doce. *Seria maravilhoso se ela fosse minha mulher*, pensou – embora eles nunca ti-

vessem trocado uma só palavra.

Era a primavera de 1971 e, embora seus países fossem aliados, ambos os regimes comunistas proibiam terminantemente relacionamentos entre seus cidadãos e estrangeiros. Canh sabia que um simples “olá” a Ri seria arriscado. Ele poderia ser expulso da Universidade de Química em Hamhung, onde estudava, e enviado de volta a Hanói. Ri seria severamente repreendida e perde-

ria o emprego. Ainda assim, trocavam sorrisos de passagem e seus olhos se encontravam numa conexão poderosa demais para ser ignorada. Pela primeira vez na vida, Canh apaixonou-se, e Ri sentiu-se atraída pelo belo e jovem estudante, de sorriso largo e jeito confiante.

Canh, que aprendera coreano na universidade, acompanhava discretamente a programação de trabalho de Ri, à espera de uma oportunidade para falar com ela. Exultou quando um dia os dois se viram sozinhos no laboratório. Um brilho dançava em seus olhos quando perguntou:

de novo. Sua amiga norte-coreana, Ri. 20 de julho de 1971.”

Nos oito meses seguintes, trocaram mais cartas e se encontraram em segredo. O governo norte-coreano controlava com rigor as atividades de seus cidadãos, até mesmo suas vidas particulares. Apesar do risco, a mãe de Ri, Kim Trul Sim, e sua irmã mais nova aprovavam o romance e ajudavam a manter secretas as visitas de Canh. A cada poucas semanas, ele embarcava num trem para ver Ri em sua pequena casa de um só cômodo, a 15 quilômetros de Hungnam, onde

Ele guardava uma foto dos dois, revelada em segredo por um amigo de confiança.

– Você tem namorado?

Sentindo que ele era um homem bom e atencioso, Ri sorriu e disse:

– Não.

Pediu o endereço dela e a presenteou com uma foto dele.

Canh voltou aos estudos em Hamhung, sem conseguir esquecer Ri. Seu coração se encheu de alegria quando ela respondeu à sua primeira carta: “Muito obrigada pelo gentil presente. Nunca esquecerei sua bela figura durante o curto tempo em que nos encontramos. Espero que seus estudos estejam indo bem e que tenhamos a chance de nos encontrar

eles preparavam as refeições juntos e conversavam durante horas.

Escondido dos olhos curiosos, o amor dos dois cresceu. Apesar das diferenças culturais, tinham muito em comum. Ambos moravam em países divididos pela guerra e conheciam o sofrimento e a privação. Ele mostrou-lhe fotos de sua terra natal, sonhando com o dia em que poderia levá-la para casa com ele.

UM ANO APÓS seu primeiro encontro, a universidade enviou Canh de volta a Hungnam para outro intercâmbio. Os dois agiam como estranhos no

trabalho, mas continuavam a se ver às escondidas. O dia que temiam finalmente chegou: a bolsa de estudos de Canh estava terminando e ele devia retornar a Hanói. A situação do casal era desanimadora; o regime autoritário sob o qual viviam não permitiria que se casassem. Para Ri era pior. Poucos cidadãos norte-coreanos obtinham permissão para viajar dentro do próprio país, muito menos sair dele - ato considerado crime grave. Desnorteada, Ri mencionou a possibilidade de morrerem juntos.

Num dia gelado de inverno, em janeiro de 1973, Canh embarcou num ônibus para ver Ri pela última vez. Nenhum dos dois conseguia falar. Sentaram-se em silêncio, chorando, enquanto as sombras da noite enchiam a minúscula residência. Logo era hora de Canh partir. Sem saber se voltaria um dia, ele, relutante, dirigiu-se à mãe de Ri. Se surgisse uma oportunidade, Ri deveria casar-se com outra pessoa, disse ele. Mas em seu coração esperava que aquilo jamais acontecesse.

Canh chegou em casa algumas semanas após o bombardeio americano a Hanói e juntou-se aos esforços para a reconstrução da cidade devastada. Depois, começou a trabalhar como projetista químico.

No entanto, não importava o que fizesse, Ri não lhe saía do pensamento. A amarga separação marcara o coração de Canh. Ele relia a carta que Ri comprimira em suas mãos no dia em que partira e as palavras o fa-

ziam chorar: "Se você morrer na guerra, também morrerá." Guardava uma foto dos dois, um filme revelado em segredo por um amigo de confiança. Em momentos de desespero, também achava que a morte poderia ser uma solução.

Cartas contrabandeadas tornaram-se a frágil ligação entre eles. Amigos de Canh que viajavam para a Coreia do Norte colocavam as cartas dele no correio, enquanto conhecidos de Ri em visita à Rússia postavam as dela.

Canh guardava todas as preciosas cartas de Ri; ela, porém, foi forçada a queimar as dele. Se fosse surpreendida com as cartas, seria punida. Ri tentou suicídio após a separação de Canh, mas, à medida que o tempo de afastamento aumentava, resignava-se ao vazio de sua vida.

EM 1978, Canh voltou à Coreia do Norte. Na esperança de ver Ri, conseguiu que o designassem para um intercâmbio de três meses numa fábrica perto de onde Ri trabalhava. Quase um mês se passou antes que pudesse escapular para vê-la. Apesar de terem se passado cinco anos, quando Ri abriu a porta, Canh sentiu que a amava mais do que nunca.

Ao fim dessa visita, Ri enfiou outra carta nas mãos de Canh. "O instante ao seu lado foi tão curto", dizia. "Se ao menos fossem milhares e milhões de anos."

Desesperados, agarravam qualquer



Depois de décadas separados, Ri e Canh agora moram juntos em Hanói.

oportunidade de se encontrar. No fim da estada de três meses de Canh, Ri arriscou-se a vê-lo num pequeno restaurante perto da pensão em que ele estava hospedado. Para evitar serem notados, puseram-se a caminhar pelo terreno ao redor da construção.

Consumido de tristeza, Canh perguntou a Ri:

- Quanto tempo você vai esperar por mim?

Ri estudou-lhe o rosto. À medida que o tempo passava, ela preocupava-se com a possibilidade de que ele se casasse com outra.

- E você? - retrucou ela.

Para Canh, só havia uma resposta:

- Vou esperar você até morrer.

Os ANOS se passaram. Nem Canh nem Ri se casaram. No fim dos anos 80, Canh sentiu uma onda de esperança quando o Vietnã aos poucos

relaxou as normas sobre casamento com estrangeiros. Em 1992, ele fundou a Associação Vietnamita-Norte-Coreana da Amizade, na esperança de sedimentar o caminho para ver Ri. Correndo grande risco, escreveu para a embaixada norte-coreana em Hanói pedindo permissão para casar-se com ela. Nunca teve resposta. Catorze anos haviam se passado desde que vira Ri pela última vez; estavam ambos com 44 anos.

Em 1993, Canh escreveu mais cartas à embaixada norte-coreana. Presionado a comprovar seu relacionamento, entregou cópias das cartas de Ri. Secamente informado de que Ri estava casada, ele se recusou a acreditar, em parte porque Ri lhe enviara uma carta um ano antes, prometendo esperar por ele. Então, em julho de 2001, um funcionário da embaixada deu-lhe notícias devastadoras. Ri morreria dez anos antes. Chorando, Canh pediu ajuda para localizar seu túmulo a fim de poder visitá-lo.

Profundamente abalado, recolheu-se em casa. O funcionário dissera que Ri havia morrido em 1991; no entanto, ao pensar melhor, lembrou-se de que a última vez que recebera notícias dela fora em setembro de 1992! Embora não pudesse confirmar, estava convencido de que ela estava viva. Recusando-se a desistir, Canh continuou a enviar cartas à embaixada norte-coreana e a

fazer perguntas. Em novembro daquele ano, o funcionário enviou-lhe um bilhete desculpando-se; fora a irmã mais nova de Ri que morrera.

A O TOMAR conhecimento de uma visita oficial vietnamita a Pyongyang, em maio de 2002, Canh pediu ajuda ao pai, diplomata aposentado, que entregou cartas do filho ao ministro do Exterior e ao presidente Tran Duc Luong, pedindo-lhes que defendessem a causa de Canh perante as autoridades norte-coreanas.

Um amigo intérprete que acompanhava a delegação presidencial trouxe notícias surpreendentes: os dois países haviam discutido o relacionamento de Canh e Ri. Essa era a virada com a qual Canh havia muito sonhava, mas ele suspeitava de que poderiam se passar muitos anos antes que algo acontecesse.

Quatro meses mais tarde, porém, ao voltar de uma viagem, Canh foi recebido com a notícia de que não só o casamento seria permitido como o casal poderia viver onde escolhesse. Canh apressou-se em levá-la para o

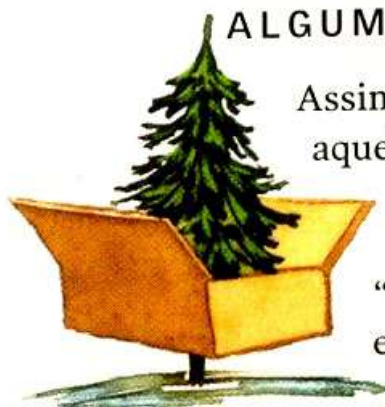
Vietnã, chegando a Pyongyang em 6 de outubro de 2002. Antes que lhe dessem permissão para vê-la, passou por 12 dias de angústia, prestando homenagens a autoridades e preenchendo formulários que pediam permissão para levá-la para casa.

Em Pyongyang, Ri manteve-se em silêncio num aposento com autoridades norte-coreanas e vietnamitas. Sentia-se como se vivesse um sonho. Timidamente contemplou o homem que fora impedida de ver por 24 anos – um momento carregado de tristeza. *Ele parece mais velho*, pensou ela, condoída pelos anos que haviam perdido.

As pessoas se aglomeraram ao redor deles, mas Canh e Ri não precisavam falar. Seus olhos contavam a história de um amor inabalável, que sobrevivera a anos de separação.

Casados numa cerimônia civil em Pyongyang, mais tarde organizaram um alegre casamento com 700 parentes e amigos em Hanói, onde moram hoje. Canh sempre sentiu que seu amor era algo belo. “E tudo que é belo se concretiza um dia”, diz ele. “Todos têm direito a amar. Eu simplesmente exerci esse direito.”

ALGUMAS TAMBÉM VÊM COM ENFEITES!



Assim que botamos os olhos nela, tivemos certeza de que aquela era a árvore de Natal perfeita. Imponente, frondosa e luxuosa, sem qualquer espaço vazio. Até nossos filhos mais velhos ficaram impressionados. “Uau!”, disse meu filho, “se a gente não soubesse que era de verdade, ela poderia passar facilmente por artificial.”

ROBERT PIL, EUA